

Entrevista com o General Joubert

O General-de-Exército Joubert de Oliveira Brízida é natural do Rio de Janeiro. Sua carreira militar iniciou no dia 1º de março de 1952, quando foi matriculado na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Foi declarado aspirante-a-oficial da arma de Artilharia em 08 de maio de 1954.

Além do curso de formação realizado na AMAN, cursou também o Instituto Militar de Engenharia (IME), a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (ESAO), Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) e Escola Superior de Guerra (ESG).

É pára-quedista militar. Fez os seguintes cursos: Básico de Pára-quedismo; Mestre de Salto; Precursor Pára-quedista e Operações Especiais Aeroterrestres (USA). Ao regressar dos Estados Unidos, como pioneiro, implantou no Brasil o curso de Operações Especiais. Cursou também no exterior o Curso de Sobrevivência na Selva (Fort Sherman – EUA) e o Curso Avançado de Comunicações (Fort Monmouth – USA).

Além dos cursos militares, realizou o Curso de Analista e Programador de Computadores Eletrônicos Digitais, na Escola Nacional de Ciências Estatísticas – RJ.

Como oficial superior, da arma de Comunicações, foi instrutor chefe da Escola de Comunicações, chefe

do Serviço de Comunicações do Gabinete da Presidência da República, membro da Secretaria-Geral do Conselho de Segurança Nacional e, ainda, Secretário de Informática da Secretaria Especial de Informática. Durante dois anos, esteve adido à Embaixada do Brasil na

Inglaterra. Como oficial-general, foi subchefe do Estado-Maior do Exército, diretor de Material de Comunicações e de Eletrônica e comandante da 11ª Brigada de Infantaria Blindada, em Campinas.

Quando promovido a general-de-divisão, foi diretor de Informática e vice-chefe do Estado-Maior do Exército, em Brasília. Como general-de-exército, exerceu a função de secretário de Economia e Finanças e

comandante do Comando Militar do Sudeste (CMSE), passando então para a reserva.

O General Joubert possui várias condecorações civis e militares nacionais e estrangeiras. Atualmente é membro do Conselho de Curadores da FuncceB.

Segue a reportagem, com perguntas formuladas pela equipe de entrevistas da revista DaCultura. Os caríssimos leitores tomarão conhecimento de experiências do General Joubert durante a sua carreira militar e a sua opinião sobre assuntos na área cultural.



V. Exa. tem-se dedicado, há alguns anos, à tradução de livros, ocupando esta atividade grande parte de seu tempo. Gostaríamos que V. Exa. relatasse tal experiência.

Sempre gostei de idiomas. Na ativa, divertia-me traduzindo Manuais Técnicos e de Campanha. Cheguei a fazer um curso noturno de seis anos de alemão, só por curiosidade. Agora, na reserva, dedico-me à tradução quase em tempo integral. Para a Bibliex, já fiz, entre outros, *Frederico, o Grande* e um livro de referência, *Construtores da Estratégia Moderna*, coletânea em que Condoleezza Rice, então professora em Stanford, escreve sobre a construção da estratégia soviética, *expert* que é. Juntamente com a Topbooks, estou envolvido com o projeto do Liberty Fund sobre política, democracia e liberdade: livros densos, difíceis, que contam as inquietações com tal tema dos grandes filósofos e pensadores ao longo do tempo. Para a Nova Fronteira, faço parte da equipe que cria a Coleção História, primordialmente voltada para vultos e eventos históricos dos séculos mais recentes; já traduzi Franklin Roosevelt, Kissinger, Stalin, Almirante Canaris, Tratado de Versalhes (Primeira Guerra Mundial), Conferência de Potsdam (Segunda Guerra Mundial) e agora estou às voltas com o Generalíssimo Francisco Franco. Gosto muito do que faço. Aprendo uma barbaridade.

A Brigada de Operações Especiais, em Goiânia, irá comemorar cinquenta anos. V. Exa participou da gestação desta especialidade no antigo Núcleo da Divisão Aeroterrestre. Fale-nos sobre sua experiência de pioneiro.

É verdade. Fui pára-quedaista de 1955 a 1960. Naquele tempo, os pioneiros tinham recém-chegado dos Estados Unidos e servíamos na “Colina”, aquartelamento de uma grande-unidade de título pomposo – Núcleo

da Divisão Aeroterrestre – precursora da atual Brigada de Infantaria Pára-quedaista. Depois de cursar o Mestre de Salto e o Precursor, fui nomeado instrutor e aluno do primeiro curso de Operações Especiais, lá pelos idos de 1957. Foi muito bom, agitado, novidade, tentador, surpreendente. Seu grande mérito: formar uma massa crítica (nosso nome está numa pedra lá no quartel de Camboatá) que cresceu e desaguou na atual Brigada de Operações Especiais, em Goiânia, que já prestou, vem prestando e prestará relevantes serviços ao EB e, por via de consequência, ao Brasil. A atividade completa cinquenta anos em 2007. Estão previstas grandes comemorações. Se Deus quiser, estarei lá.

Como oficial superior, engenheiro de comunicações, várias funções na área da informática despontaram na carreira de V. Exa., desempenhadas com inteligência e capacidade profissional. Perguntamos: Os projetos e programas daquela época foram cumpridos?

Depois do pára-quedaismo, cursei o IME (Telecomunicações). Foi na época em que apareceram os primeiros transistores. Ficávamos maravilhados com o movimento dos elétrons através do sólido. Infelizmente, costumamos no Brasil a acompanhar o desenvolvimento mundial. Nossas centrais telefônicas permaneceram eletromecânicas por algum tempo. Lutamos muito contra o atraso (MiniCom, Telebrás, Embratel...). Mais tarde, já coronel, início da década de 1980, surgiram os primeiros microcomputadores. O Brasil vislumbrou a possibilidade de pegar o “bonde da história”. E era bonde que também transportava os semicondutores sob a forma de circuitos integrados (milhares daqueles transistores concentrados em espaço mínimo). Tempos heróicos. Brigas homéricas. Informações esparsas, por vezes desconstruídas. O que queríamos: pelo menos a capacidade decisória sobre o que

fazer, pois, quase por intuição, pressentíamos que a computação seria distribuída e processada em pequenas máquinas. As redes eram um sonho. A Internet não passava pela cabeça de mortal algum. Erros foram cometidos: talvez esforço demasiado no *hardware*, quando o segredo estava no *software*. Mas acertos tam-

civilização progresso.” Neste particular, eu ressaltaria valores e instituições como fundamentais para o patrimônio cultural de uma nação. Inegável que, em termos de valores, a sociedade brasileira tem longo caminho a percorrer em vista da deterioração que, no presente, eles vêm experimentando. Quanto às institui-

ções, desculpem a imodéstia, o Exército Brasileiro é uma das fundações, sólida e profunda, sobre as quais se assenta nossa nação.

É possível pensar na cultura de uma instituição secular dissociada do país onde está inserida?

Do que eu disse acima, como desvincular a cultura de uma instituição secular como o EB



General Joubert sendo entrevistado pelo redator-chefe

bém: o interesse despertado nos jovens pela tecnologia da informação (a famosa Informática) deve ter contribuído para o grande desenvolvimento da computação por aqui. O casamento dela com as comunicações (a não tão famosa Telemática) resultou imbatível. Minha esperança é que se amplie cada vez mais o acesso da sociedade brasileira à ferramenta tão útil.

Quais os aspectos, segundo a opinião de V. Exa., que alicerçam o patrimônio cultural de uma nação?

O Aurélio, numa das acepções de “cultura”, responde: “Processo ou estado de desenvolvimento social de um grupo, um povo, uma nação que resulta do aprimoramento de seus valores, instituições, criações, etc.;

da nação que o abriga? Mais uma vez, valho-me da imodéstia para afirmar que nossa instituição teve importância capital para a formação cultural do Brasil. Sem dúvida, o Exército recebeu da nação brasileira influxos culturais notáveis, mas também influenciou de forma marcante a formação do acervo cultural nacional.

Como V. Exa. avalia a influência da cultura militar do Exército no contexto cultural e histórico do Brasil?

Qualquer livro de História do Brasil não-polarizado registra à exaustão a atuação do EB em momentos palpitantes da vida nacional, sua participação ativa nas grandes transformações sóciopolíticas. Sinergia que, inevitavelmente, implica transmissão cultural em

mão dupla. Acrescente-se a presença do Exército em todo o vastíssimo território do Brasil, a constituição eclética de nossos efetivos, a reverência aos nossos heróis e tradições, e tem-se um quadro completo da inserção da instituição Exército na sociedade brasileira. De fato, “Braço Forte e Mão Amiga”.

Que ações de valorização e resgate das expressões culturais da Força Terrestre V. Exa. consideraria prioritárias para a instituição?

É exatamente aí que entra a Fundação Cultural Exército Brasileiro (Funceb) com sua imprescindível e inadiável missão de resgatar essas tradições e valores da instituição. Ao mesmo tempo em que revela, mantém e atualiza nosso patrimônio cultural, a Funceb congrega e reforça esforços por vezes dispersos. Não é fácil. O vulto da tarefa e a amplitude geográfica na qual estão distribuídos nossos tesouros culturais exigem esforços redobrados. No cumprimento de sua missão, a Funceb torna a riqueza cultural da instituição mais conhecida pela sociedade brasileira e, por que não dizer, alastra exemplos que vale a pena emular.

A principal missão da Biblioteca do Exército (Bibliex) é editar obras, por meio das coleções Gen Benício e Taunay, divulgando os conhecimentos necessários ao desenvolvimento e aperfeiçoamento da cultura profissional militar e geral dos nossos quadros. Na sua opinião abalizada e experiente, que sugestões V. Exa daria para a Bibliex melhorar seu programa editorial, visando estimular o gosto pela leitura no estrato mais jovem dos militares (alunos da EsSA, colégios militares, CPOR, AMAN e Of/Sgt Temp)?

A Casa do Barão de Loreto, nossa Bibliex – atenciam, fundada em 1881 – é instrumento capital para a

difusão da “cultura”, já agora noutra acepção que o Aurélio nos ensina: “Parte ou aspecto da vida coletiva, relacionados à produção e transmissão de conhecimentos, à criação intelectual e artística, etc.” Seu conselho editorial e sua diretoria se esmeram para colocar à disposição dos leitores obras não apenas relativas à história castrense, mas que também ampliam horizontes e trazem à baila assuntos contemporâneos e, muitas vezes, momentosos. Igualmente, não é missão fácil, em especial devido à carência e recursos. Desculpando-me antecipadamente pela ousadia, sinto, vez por outra, falta de co-edições de obras que seriam imensamente úteis para a ilustração do público interno e – por que não? – também do externo. Falo em co-edição porque as imagino mais convenientes em termos de divisão de custos. Cito, por exemplo, as *Memórias da Segunda Guerra Mundial*, do “leão” Winston Churchill, recentemente reeditadas e repletas de ensinamentos. Está também no prelo um livro que traduzi sobre os Sete Chefes do Império Soviético (de Lênin a Gorbachev), que daria aos leitores uma visão abrangente daquele que foi o maior castelo de areia do século XX – o comunismo.

A revista Da Cultura tem-se projetado no Brasil e no exterior. Qual a opinião de V. Exa. sobre essa grande aceitação?

Tem mesmo. Apesar de jovem, já conquistou seu espaço. Em boa hora a Funceb decidiu editá-la. Eu a leio de cabo a rabo. Por vezes me surpreendo ao travar contato com peças de nosso acervo cultural (em particular, os fortes) sobre as quais pouco sabia, malgrado meus quase cinquenta anos de serviço ativo. Rendo minhas homenagens aos que a preparam por concorrem decisivamente para a divulgação das tradições e valores da Instituição Exército Brasileiro. Que tenha vida longa!